



Fr. Lisaneos Prates, O.de M.

Estudou teologia na Pontifícia Universidade Católica de Salamanca, na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde fez o doutorado em Teologia Dogmática. Atualmente é professor licenciado de teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC.

TRINDADE E
INTERCULTURALIDADE:
UMA APROXIMAÇÃO
TEOLÓGICA

1. Trindade e Culturas

A concepção do mistério trinitário de Deus referenciado às culturas torna-se factível desde o horizonte das mesmas como mediação da revelação. Tendo a revelação uma estrutura eminentemente trinitária, faz-se mister antever o vínculo indissociável entre revelação e Trindade na mediação das culturas sob o condão da fé como princípio ou nexos primaz para se fazer a experiência-existencial da revelação¹. Imediatamente, anotamos que a fé tem um alcance teológico e, concomitantemente, antropológico, o qual corresponde ao alcance teo-antropológico² pertinente ao conceito teológico de revelação elaborado e sobressalente, especialmente, na reflexão teológica pós-conciliar. Concernente à concepção do termo cultura, este tem uma semântica propriamente antropológica sem uma conotação teológica a priori, o qual não significa asseverar que a cultura não esteja referenciada ao mistério, seja do ponto de vista hierofânico³ e/ou do ponto de vista teofânico⁴.

*É o ser humano
o mesmo
sujeito capaz de
operacionalizar
a fé como dom
na mediação das
culturas.*

A reflexão teológica oriunda do Concílio Vaticano II atinou e colocou de relevo a intrínseca-extrínseca implicação entre fé-culturas, cujo resultante reflexivo foi a introdução no jargão teológico do conceito de inculturação⁵. Teologicamente, inculturação e sempre será inculturação-da-fé, a qual confere ao vocábulo inculturação a densidade teológica que o mesmo carrega na sua acepção significativa. De tal maneira, que pre-

ferimos utilizar nesta reflexão a expressão conjunta inculturação-da-fé como uma constelação semântica que hospeda uma densidade teológica regida pelo conceito teo-antropológico de fé. Mais especificamente afirmarmos que o nível antro-

pológico da fé possibilita a referência entre fé-culturas, já que, é o ser humano o mesmo sujeito capaz de operacionalizar a fé como dom na mediação das culturas. As culturas, então, tem um alcance antropológico a priori e, um alcance teológico a posteriori por ser o existencial-histórico que faculta a experiência da fé particular-universal⁶.

Na linha da manifestação reveladora do Mistério Trinitário constatamos uma via de dupla mão adotada pela reflexão teológica para perceber-evidenciar sua presença-ausência em dita comunicação reveladora. Aqui sugerimos esta via de mão dupla na mediação fé-culturas. Primeiramente, uma percepção reflexiva-teológica do Mistério Trinitário na mediação da diversidade cultural, a saber, pensar num formato reflexivo que todas as culturas podem ser caminhos que leve o ser humano a se encontrar com o insondável, inefável, indizível, abissal numa perspectiva apofática, isto é, algo que é parte inerente do mistério em si mesmo. Em segundo lugar, outra percepção teológica do mesmo Mistério Trinitário na mediação da fé-culturas em cujo contexto é possível experienciar no âmbito existencial-histórico, balbuciar, pronunciar algo afirmativo conduzindo o ser humano a presenciar e ser presença do Mistério através da via catafática.

Considerando especificamente aquilo que é afirmado pela teologia sobre a fé, esta carrega uma

*Todas as culturas
podem ser
caminhos que leve
o ser humano a se
encontrar com o
insondável...*

densidade propriamente apofática, vale dizer, a fé é acreditar naquilo que não se vê. Aqui queremos seguir a insuperável definição teológico-catequética da carta aos Hebreus: “A fé é uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se veem” (Hb 11,1). Porém, a mesma fé que prioritariamente não necessita do ver torna-se expressiva na experiência-existencial-histórica-reflexa. Vale asseverar: do não ver surge de forma extraordinária a possibilidade de ver como se fosse possível ver e até antecipar o invisível. Esta dimensão apofática ou afirmativa mediada pela fé ganha uma excelente magnitude quando a mesma fé aparece umbilicalmente identificada-diferenciada com a chamada experiência-existencial-histórica-reflexa que o ser humano faz na qualificada realidade cultural-diversa.

É desde este pressuposto no qual concebemos a fé-culturas em referência ao Ministério Trinitário que podemos saltar para uma reflexão articulada entre Trindade e interculturalidade⁷. Ou seja,

faz-se necessário passar de uma visão singularizada de cultura para uma visão pluralista, diversificada e universal culturalmente. Dado este passo, pensamos que poderemos avançar na direção de conceber a revelação do Deus TriUno dando-se a conhecer entre as culturas, o qual traduz o termo interculturalidade.

2. Trindade e Interculturalidade⁸

Se a expressão inculturação-da-fé ou fé-inculturada foi gestada pela teologia, não acontece o mesmo com o vocábulo interculturalidade. Como toda e qualquer mediação teológica reflexiva tem suas limitações, assim acontece com a expressão inculturação-da-fé. Lançando uma mirada retrospectiva sobre a densidade teológica de tal expressão, a novidade de princípio se caracterizou pela percepção de que a fé-como-conteúdo-doutrinário não poderia continuar sendo apresentada à revelia dos traços característicos e próprios da cultura do grupo humano a ser evangelizado através da ação missionária. Neste caso, a inculturação significou uma re-

viravolta metodológica, didática, interpretativa, epistemológica em nível de teologia da missão e da ação missionária realizada ao longo do período de cristandade no mundo ocidental. O grande divisor de águas desta revirada na reflexão teológica e na ação missionária foi o Concílio Vaticano II com suas proposições teológico-pastorais implementadas em todas as Igrejas⁹.

A inculturação
significou uma
reviravolta
metodológica,
didática,
interpretativa...

Sendo assim, pensamos que ao utilizarmos na teologia o termo interculturalidade alcançamos um avanço no sentido de promover uma incondicional articulação na fronteira da relação dos conteúdos da fé com as semelhanças-dessemelhanças na interação cultural. Isto é, deparamo-nos com uma relação no limite-possibilidade das configurações culturais que exige uma valorização imprescindível do desígnio singular-universal de cada cultura. As culturas na sua diversidade carregam consigo elementos singulares os quais identificam a especificidade de cada cultura e, simultaneamente, trazem no seu bojo elementos que traduzem o endereço universal

de cada uma delas. Neste âmbito intercultural, apontamos para um câmbio de magna significância: ainda que a fé esteja vinculada a uma doutrina, a uma igreja ou mesmo a uma religião, mormen-te, é a doutrina, a igreja ou re-ligião que deverá servir a fé na diversidade intercultural.

Considerando o dogma, a dou-trina trinitária ou a teologia tri-nitária na mediação da intercul-turalidade, sugerimos alguns passos a serem dados levando em conta alguns conte-údos, sobretudo, a respeito da teologia trinitária que fazem parte do patrimônio dogmático e teológi-co da Igreja.

*A fundamentação
do dogma trinitário
afirmado pela
Igreja radica-se na
pessoa do Jesus
histórico e do
Cristo da fé.*

Primeiro Passo:

A Trindade revelada em Jesus Cristo entre-culturas. A funda-mentação do dogma trinitário afir-mado pela Igreja radica-se na pes-soa do Jesus histórico e do Cristo da fé. Do mistério da encarnação do Verbo eterno na história e no transcurso até o mistério pasco-pentecostal, encontramos o tem-po-lugar da revelação do mistério trinitário de Deus. No mistério de Jesus, o Cristo, transparece o

mistério do Deus-Filho, Deus-Pai, Deus-Espírito Santo. Esta trans-parência do Deus TriUno torna-se perceptível na dinâmica hos-tórico-salvífica-libertadora dos gestos-palavras de Jesus Cristo, cuja culminância plena se alcan-ça com o mistério da ressurreição em duas dimensões: histórica e meta-histórica, imanente e trans-cendente, no limite da finitude e infinitude humana, no tempo cro-nológico e no tempo kairológico, no âmbito espacial e no âmbito eternal, etc. Esta dualidade que caracteriza a ple-nitude do mistério da ressurreição, também caracteriza marcada-mente o mistério da encarnação cultural e entre-as-culturas do Verbo eterno¹⁰.

Especificamente, o mistério da encarnação tem como fulcro de sua irrupção a história, a ima-nência, finitude, cronos, espacia-lidade, cultura, culturas, já que, teologicamente, quer dizer que a Palavra eterna assumiu em tudo a condição humana na sua real am-biguidade. Um dos textos paulinos que expressa a radicalidade da humanização do Verbo eterno na pessoa histórica de Jesus aparece

através da expressão “nascido de uma mulher” (Gl 4,4). Na plenitude do tempo cronológico da história Deus-Pai enviou o seu Filho na mediação da carne-sangue da humanidade por meio da figura feminina da mulher. Este filão da teologia da encarnação do Novo Testamento na radicalidade de sua expressão a qual quer afirmar a insofismável realidade humana do Verbo encarnado chega ao seu ponto máximo na expressão joanina: “E o Verbo se fez carne” (Jo 1,14a). O significado do termo “carne=sarx” no linguajar neotestamentário vai além da dimensão físico-biológica. O termo abarca a realidade-condição da pessoa desde sua radicalidade humana¹¹.

“E o Verbo se fez
carne” (Jo 1,14a).

tidade-cultural e identidades-culturais dentro de um dinamismo existencial-histórico. Daqui inferimos que o conceito antropológico de pessoa, a rigor, somente deveria ser aplicado ao Verbo eterno, pois, Ele e somente Ele, se inseriu entre-as-culturas num verdadeiro e real processo de personalização, já que, de fato, o Verbo se fez pessoa-única com duas dimensões inconfundíveis-inseparáveis, vale asseverar: divina-humana. De fato, a afirmação dogmática e a teologia católica sobre a fé no Ministério Trinitário qualificou o conceito de pessoa aplicado ao Pai e ao Espírito Santo com o adjetivo divina, criando a expressão pessoa-divina.

Dentro desta perspectiva antropológica neotestamentária, o humano se concretiza na singularidade da pessoa como sujeito único-irrepetível, “nascido de mulher” e “carne humana”. O humano como gênero universal se concretiza na singularidade da pessoa e, esta, se expressa na universalidade do gênero humano. A pessoa entendida como sujeito-singular interage existencial e culturalmente entre a iden-

Na acepção da antropologia as culturas resultam da ação da pessoa, único sujeito capaz de criar e se expressar culturalmente. Ao entrar no processo antropológico de personalização, Jesus Cristo fez o caminho singular de incorporação pessoal na particularidade da cultura na qual nasceu. Do ponto de vista antropológico-cultural o seu processo de personalização traz consigo a marca da trindade econômica, ou seja, da *actio ad extra* da Trindade Santa

como transparência do seu mistério imanente dinamizado pela sua *actio ad intra*. A inter-relação pessoal caracteriza o Santo Mistério Trinitário de Deus, seja desde dentro da trindade imanente, seja na ação salvífica da trindade econômica desde dentro da história da salvação. Esta concepção trinitária rahneriana contribuiu, sobremaneira, para uma compreensão imanente-econômica-dinâmica da ação das pessoas-divinas. Dita compreensão possibilita um paralelismo analógico fronteiriço à inter-relação pessoal inerente ao Mistério Trinitário e a inter-relação-cultural na mediação da encarnação-cultural do Verbo na pessoa de Jesus Cristo.

Segundo Passo: A encarnação como mediação cultural-singular. A encarnação como processo de personalização verificada na pessoa do Jesus histórico implica em sua radical identificação com a singularidade de uma cultura. A magna expressão cultural singular no contexto cultura do nascimento de Jesus Cristo passa decidida-

A encarnação como processo de personalização verificada na pessoa do Jesus histórico implica em sua radical identificação com a singularidade de uma cultura.

mente pela mediação da religião. Esta cultura-religiosa vai sendo assimilada por Jesus Cristo dentro de uma linha contínua-descontínua, cujo núcleo definidor é a radicalidade de sua experiência-existencial-histórica-de-Deus. Evidentemente, que a encarnação não pode ser vista como algo meramente pontual, estanque, estático, mas, como um processo dinâmico de personalização dinamizada pela constelação nuclear experiência-existencial-histórica-de-Deus. Observando este processo dinâmico de personalização verificado na singularidade pessoal-cultural de Jesus Cristo, anotamos que sua personalidade foi sendo estruturada em referência a uma série de caracte-

terísticas que o identifica com o contexto da cultura judaica. Apontamos algumas: nascimento em Belém por causa de um tal recenseamento, isto é, uma obrigação jurídica; volta a Nazaré por razões familiares; exílio no Egito para não morrer nas mãos de Herodes; circuncisão conforme prescrição judaica; frequenta o tem-

plo de Jerusalém; fala a língua do seu povo; chamado nazareno, galileu; filho do carpinteiro; frequente festas familiares; come e bebe; usa a veste típica da época; enfim, o seu processo de personalização se verifica na mediação identificadora com a cultura do seu povo. Este acento marcadamente cultural que determina a estrutura da personalidade de Jesus Cristo nos coloca frente a veracidade histórica e não mítica de sua encarnação.

A encarnação como processo de personalização da pessoa de Jesus Cristo determinada pela constelação nuclear experiência-existencial-histórica-de-Deus implicará, também, na superação dos limites da cultura judaica circundante que não concorriam para a humanização-divinizadora do ser humano e sua divinização-humanizadora. A exigência maior é que o ser humano esteja acima dos próprios padrões culturais e não submetido aos mesmos. Os padrões culturais jamais poderão estar acima dos direitos fundamentais que garantem a dignidade humana, mesmo que o argumento seja religioso. Assim, as grandes instituições religiosas do

judaísmo são relativizadas em benefício da dignidade da pessoa. Cultura-religião não são aceitas como mediação desumanizadora, ao contrário, cultura-religião deverá estar a serviço da dignidade da vida e da pessoa.

Terceiro Passo: A encarnação como mediação cultural-universal¹². Podemos conceber a relação entre mistério da encarnação e mistério da ressurreição numa linha diacrônica vindo a encarnação como momento anterior que culminará na ressurreição. De outro lado, podemos lançar uma mirada teológico-sincrônica, desde a qual a ressurreição é o critério hermenêu-

tica para se compreender e elaborar a teologia da encarnação neotestamentária, sobretudo, no Quarto Evangelho. Se adotamos a primeira linha indicativa, podemos asseverar que a encarnação alcançará o seu ápice significativo na ressurreição num amplo horizonte universal. Se partimos da ressurreição como critério hermenêutico, podemos afirmar que a encarnação, interpretada num formato retro-compreensivo terá alcançado sua significância implicativa e explicativa também num

A encarnação como mediação cultural-universal.

amplo horizonte universal. Seja qual for o método ou caminho a ser percorrido o nexa entre mistério da encarnação e mistério da ressurreição nos indicará que a experiência-existencial-histórica-de-Deus feita pelo Verbo encarnado na mediação da fé-cultura traz consigo um *plus* cultural-universal. Esta qualificação cultural-universal já se encontrava latente no mistério da encarnação, tornado-se patente no mistério da ressurreição.

O pressuposto de que tanto o mistério da encarnação como o mistério da ressurreição tem uma estrutura trinitária, possibilita afirmar que o caráter universal de ambos carregam consigo a universalidade do Mistério Trinitário na mediação do diálogo intercultural através dos componentes que perpassam a particularidade-universalidade de cada cultura no âmbito dinâmico da interculturalidade.

A *actio ad extra* do Mistério Trinitário entre-culturas ganhará uma especificidade particular-universal no mistério de pentecostes no qual é fundamental o significado da memória cultural-histórica que traduz a presença-invisível do Ressuscitado. Curiosamente,

a ação do Espírito Santo não aparece num formato visivelmente personalizado comparável a ação de Jesus Cristo. Claro, a ação do Espírito Santo tem como peculiaridade guardar a memória do mistério pascal radicado na pessoa do crucificado-ressuscitado ascenso ao céu. Aqui o mistério de pentecostes torna-se visível na Igreja nascente configurada pelos primeiros seguidores de Jesus Cristo e, revelado entre-as-culturas num horizonte intercultural¹³.

Notas:

¹ A pertinência inarredável entre a fé como mediação por excelência da revelação foi solenemente asseverada pela Dei Verbum, 5a: “A Deus que revela é devida a ‘obediência da fé’ (Rm 16,26; 1,15; 2Cor 10,5-6). Pela fé, o ser humano entrega-se total e livremente a Deus, oferecendo ‘a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade’ e prestando voluntário assentimento à sua revelação”.

² Com a acepção do termo teo-antropológico inspirada em Jo 1,14a, queremos indicar que no mistério da encarnação o divino-humano se unem num formato inconfundível e inseparável. Sendo assim, quando a teologia se ocupa do divino implica/explica o humano. Quando a antropologia se ocupa do humano implica/explica o divino. Já não se pode separar-confundir a teologia com a antropologia e vice-versa.

- ³ No âmbito hierofânico do fenómeno religioso José Severino Croatto faz a seguinte afirmação: “Deuses iniciadores da cultura. São os chamados tesmóforos (gr. thesmós, ‘lei’; fero, ‘levar’) ou ainda ‘heróis culturais’. (...) São fundadores da civilização, instauradores das leis, transmissores de alguma ‘invenção’ cultural (como o fogo, por Prometeu), inciadores de grupos humanos (Metzgosshé dos Tobas)”, Cf. CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa. Uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo, Paulinas, 2001, pp. 149. 253-258.
- ⁴ Nesta afirmação do Papa João Paulo II vislumbramos a densidade humana-divina presente nas culturas: “Todo homem está integrado numa cultura; depende dela, e sobre ela influi. É simultaneamente filho e pai da cultura na qual está inserido. (...) Cada cultura traz gravada em si mesma e deixa transparecer a tensão para uma plenitude. Pode-se, portanto, dizer que a cultura contém em si própria a possibilidade de acolher a revelação divina”, Cf. *Fides et ratio*, 71.
- ⁵ Levamos em conta a seguinte definição feita pela Comissão Teológica Internacional no n. 11 do Documento Fé e Inculturação (1988): “O processo de inculturação pode ser definido como o esforço da Igreja para fazer penetrar a mensagem de Cristo num determinado meio sócio-cultural, convidando-o a crescer segundo os seus próprios valores, desde que estes sejam conciliáveis com o Evangelho. O termo inculturação inclui a ideia de crescimento e de enriquecimento mútuo das pessoas e dos grupos, pelo fato do encontro do Evangelho com um meio social. ‘A inculturação é a encarnação do Evangelho nas culturas autóctones e, simultaneamente, a introdução destas culturas na vida da Igreja’”.
- ⁶ Neste sentido o Papa João Paulo II faz a seguinte afirmação: “O encontro da fé com as diversas culturas deu vida a uma nova realidade. Na verdade, quando as culturas estão profundamente radicadas na natureza humana, contém em si mesmas o testemunho da abertura, própria do homem, ao universal e à transcendência (...). As culturas trazem consigo - embora de modo implícito, mas nem por isso menos real - a referência à manifestação de Deus na natureza (...)”, *Fides et ratio*, 70.
- ⁷ A acepção do vocábulo interculturalidade implica na aceitação do pluralismo cultural como princípio para que se possa delinear um diálogo fecundo entre-as-culturas sob a inspiração da fé presente dentro das tradições culturais. “A cultura, que é sempre uma cultura concreta e particular, é uma abertura aos valores superiores, comuns a todos os homens. A originalidade de uma cultura não é caracterizada por uma inclinação sobre si mesma, mas pela contribuição para uma riqueza que é o bem de todos os homens. O pluralismo cultural não deverá, assim, interpretar-se como a justaposição de universos fechados, mas como a participação no conjunto de realidades orientadas para os valores universais da humanidade. Os fenómenos de penetração recíproca das culturas, frequentes na história, ilustram esta abertura fundamental das culturas particulares aos valores comuns de todos os homens e, consequentemente, a sua abertura mútua”,

Comissão Teológica Internacional. Fé e Inculturação (1988), n. 7.

⁸ Na agenda teológica (2011-13) do FMTL aparece em destaque o termo “interculturalidade” como uma categoria que deverá ser levada em conta no bojo da reflexão teológica. Eis a afirmação: “O pluralismo cultural e religioso crescente de nossas sociedades acrescenta uma nova dimensão à nova perspectiva epistemológica: a interculturalidade. Tornamo-nos conscientes da limitação de toda tradição cultural, assim como da necessidade de compensar sua atávica tendência centrípeta exclusivista. Acabou-se o mundo da uniculturalidade, imposta ou hegemônica. Devemos passar definitivamente para a interculturalidade ou multiculturalidade...”, Vide: Comissão Teológica: www.internationaltheologicalcommission.org

⁹ O período pós-Vaticano II se caracterizou por uma vasta e fecunda produção teológica no qual constatamos a excelência do pluralismo teológico. As primeiras intuições sobre o uso do termo interculturalidade pela teologia tem raízes entre as décadas de setenta-oitenta. “Nessa época, já haviam sido detectadas as tendências demográficas que mostravam que o cristianismo estava em vias de tornar-se uma religião não-ocidental. Esta visão provocativa já começara a surgir em círculos teológicos católicos no final do século XX com a ideia de uma ‘Igreja mundial culturalmente policêntrica’ (J. B. Metz), cuja forma de unidade era entendida como o reconhecimento da multiplicidade de cristianismos etnoculturais”. Desta perspectiva “surgiu um acalorado debate sobre qual princípio orientador poderia in-

termediar entre a abordagem contextual e a abordagem universalizante a uma hermenêutica e uma teologia interculturais”, cf. HINTERSTEINER, Norbert. Da missão mundial ao testemunho inter-religioso: Investigando as perspectivas missiológicas contemporâneas. Concilium 339 (2011), p. 91. Vide também: SCHREITER, Robert. Missão cristã numa ‘nova modernidade’ e trajetórias na teologia intercultural. Concilium 339 (2011), pp. 27-38.

¹⁰ “A analogia entre encarnação de Jesus de Nazaré e presença cristã no mundo fez a reflexão missiológica cunhar o paradigma da inculturação [...]. O aumento de intercâmbio entre os vários povos e grupos sociais revela mais amplamente a todos e a cada um os tesouros das várias formas de cultura, preparando-se deste modo, progressivamente, um tipo mais universal de cultura humana, a qual tanto mais favorecerá e expressará a unidade do gênero humano, quanto melhor souber respeitar as peculiaridades das diversas culturas”. CNBB. Por uma terra sem males. Texto-base da Campanha da Fraternidade-2002, n. 194.

¹¹ “O Filho de Deus quis ser um judeu de Nazaré, na Galileia, falando aramaico, obedecendo a pais piedosos de Israel, acompanhando-os ao Templo de Jerusalém, onde o encontraram ‘sentado no meio dos doutores, escutando-os e interrogando-os’. Jesus cresceu entre os costumes e instituições da Palestina do primeiro século e iniciou-se nos ofícios próprios da sua época, observando o comportamento dos pescadores, dos camponeses e dos comerciantes. As cenas e as paisagens que alimentaram a imaginação do futuro rabi são as de um determinado país e de uma

determinada época”. Comissão Teológica Internacional. Fé e inculturação (1988).

- ¹² O mistério da encarnação situa-se entre a particularidade e universalidade cultural em forma de tensão entre imanência e transcendência. “Por muito particular que seja a condição do Verbo feito carne — e, consequentemente, a cultura que o acolhe, o forma e o prolonga —, não foi a esta particularidade que o Filho de Deus se uniu em primeiro lugar. Foi porque se fez homem que Deus assumiu, de certa maneira, uma raça, um país, uma época. ‘Porque n’Ele a natureza humana foi assumida, não absorvida, por isso mesmo esta natureza foi elevada, também em nós, a uma dignidade sem par. Com efeito, pela Sua Incarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo o homem’”. Comissão Teológica Internacional. Fé e inculturação (1988).

- ¹³ “No dia de Pentecostes, a irrupção do Espírito Santo inaugura a relação da fé cristã e das culturas, como acontecimento de perfeita realização e de plenitude: a promessa da salvação, realizada por Cristo ressuscitado, enche o coração dos crentes pela efusão do próprio Espírito Santo. As ‘maravilhas de Deus’ serão, daqui em diante, ‘publicadas’ a todos os homens de todas as línguas e de todas as culturas. Quando a humanidade vive sob o signo da divisão de Babel, o dom do Espírito Santo é-lhe oferecido como a graça, transcendente e tão humana, da sinfonia dos corações. A Comunhão divina (koinonia) recria uma nova Comunidade entre os homens, penetrando, sem o destruir, esse sinal da sua divisão: as línguas”. Comissão Teológica Internacional. Fé e inculturação.